

João Paulo Silvestre (Aveiro)

Diferença e preconceito: testemunhos linguísticos de percepções interculturais no século XVIII

Na linguagem encontram-se espelhadas as tensões interculturais que ocupam uma comunidade de falantes. Racismo e discriminação são revelados através de marcas linguísticas como as distinções sociolectais ou o uso da palavra enquanto instrumento de ofensa.

A análise diacrónica da língua portuguesa revela origens e o percurso das palavras que veiculam a diferença e o preconceito. Os textos do século XVIII são particularmente informativos, pois são contemporâneos de transformações numa sociedade que tinha no encontro intercultural a sua fonte de enriquecimento económico.

Podemos inclusive tomar como fonte documental os primeiros dicionários da língua portuguesa, que recolhem a definição e a explicação de palavras e expressões, veiculando dados de tipo sociolinguístico. O dicionário *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712-1728) de Rafael Bluteau (1638-1734) reflecte a vida quotidiana e as preocupações do grupo social dominante a que se destina. Testemunha uma Lisboa enriquecida, a consolidação do poder real de D. João V, as vivências de um período de paz, mas também a confluência de culturas e de actividades profissionais numa capital cosmopolita.

O contacto interlinguístico conduz à dicionarização de nomes de novos povos, países, cargos, profissões, objectos comerciáveis, animais, plantas, medicamentos, luxos e divertimentos. Estas palavras referem-se a quotidianos distantes e exóticos, descritos e interpretados à luz de preconceitos culturais, identificando-se manifestações de estranheza, repúdio ou supremacia.

O dicionarista não pretende descrever a língua de uma forma ideologicamente neutra. Grandes lexicógrafos dos séculos XVII e XVIII são religiosos eruditos, que compuseram dicionários com uma dedicação que só o esforço do trabalho retirado permitia (François Pomey, Antoine Furetière, Louis Moreri, Johann Hofmann). Neste contexto, ser 'ideologicamente neutro' é até indesejável, pois o intelectual cristão deve

aproveitar todas as ocasiões para dar testemunho dos valores éticos e espirituais que o animam. O texto, seja ele historiográfico, metalinguístico ou de cariz religioso, é uma demonstração pública de um compromisso, um exemplo da própria fé e um momento de comunicação com o leitor, que deve ser aproveitado para doutrinar e preservar costumes.

O *Vocabulário* é redigido por um padre teatino, uma ordem criada em Itália no século XVII no contexto da contra-reforma e consagrada ao combate militante contra a heterodoxia. Rafael Bluteau exerceu em Portugal o cargo de qualificador da inquisição (isto é, lia e aprovava o conteúdo dos textos) e não poderia admitir na sua obra menos do que era exigido às que censurava: uma postura intransigente face às heresias e cultos pagãos. A censura não é entendida como um impedimento à liberdade do dicionarista, porque o autor percebe e respeita a sua função de regulação social, impedindo o uso subversivo da palavra. O dicionarista parece ter quanta liberdade deseja.

O dicionário é um texto em que a comunidade de falantes a que é destinado se reconhece, identificando na descrição a sua língua, o uso que dela faz e os sentidos e valores que por ela exprime. O *Vocabulário* foi concebido como um dicionário institucional de tipo académico, recolhendo a língua em diversos registos, mas com a preocupação de distinguir as palavras ou os contextos de uso 'vulgar' ou prestigiados – numa dicotomia simplista, a língua da corte e a do vulgo – tecendo comentários acerca da adequação discursiva, de uma forma explícita e quase prescritiva.

No dicionário, associa uma palavra a um grupo social, integrando-a no vocabulário típico de um determinado sociolecto. Nos dicionários do período em estudo, a relação entre informação diastrática e diafásica é muito próxima, com claro predomínio das distinções baseadas no estatuto social.¹ Os lexicógrafos franceses, e com eles Bluteau, configuraram a análise de tipo sociolinguístico de acordo com uma classificação herdada da tradição retórica, explicitamente hierarquizadora, que estabelece estilos *baixos* e *elevados*. Este nivelamento ajusta-se com

¹ Nos dicionários modernos subsistem dificuldades semelhantes, já que é complexa a distinção absoluta entre o contexto situacional da produção linguística e o estatuto social dos interlocutores. Marcadores como *formal*, *popular*, *informal*, *elevado* transmitem uma classificação que pode conjugar as vertentes de avaliação diastrática e diafásica (Hartmann / James 2001).

facilidade às distinções sociais, pelo que o estilo baixo designa a linguagem do povo inculto, por oposição à linguagem modelada pela escolarização, leitura e convívio erudito, que caracteriza os 'bem falantes'.

As distinções alargam-se também ao âmbito do confronto multicultural, em que prevalece a perspectiva etnocêntrica da sociedade em que o dicionarista está inserido. As oposições entre católicos e hereges, entre civilizados e bárbaros transparecem na descrição das palavras que designam povos, países, costumes e crenças.

A interferência entre contexto social e descrição lexicológica é evidente quando lemos os dicionários antigos. Analisando algumas definições que são propostas, observa-se que os enunciados com valor metalinguístico têm na sua base julgamentos de valor (ou, dito de outra forma, os julgamentos de valor transformam-se em metalinguagem):

BRANCO [...] Homem branco. Bem nascido, & que até na cor se diferença dos escravos, que de ordinario são pretos, ou mulatos (Vol. II, 1712: 183).

RAPOSINHOS. Cheyro mau, que exhalão Negros, & Mulatos (Vol. VII, 1720: 109).

CATINGA. Palavra de Angola, fedor de Negros, como de Raposinhos (Sup. I, 1727: 208).

ALVINHOS. Na Descrição da Ethiopia Inferior, diz Mons. Dapper, que os Portuguezes deraõ este nome a hũs homens da Ethiopia Inferior, que tendo feiçoens de negros, são brancos, mas de hum branco, que faz nojo, porque he pallido livido, e sem viveza, como cor de leproso, ou de corpo morto (Sup. I, 1727: 34);

O dicionário regista alguns termos ou expressões disfêmicas, com valor de ofensa ou invectiva, que são descritos como um reflexo das distinções sociais. Presume-se que seria um fundo lexical evitado em situações de formalidade e de ocorrência confinada à oralidade.² A nomenclatura do *Vocabulario* admite as palavras atribuídas ao uso popular, mas é significativo que apenas estas recebam marcadores diastráticos específicos (termo *baixo, do vulgo,...*). A informação do lexicógrafo indica que são palavras usadas sobretudo para ofender, classificando-as como 'termos de desprezo':

² O seguinte comentário demonstra que o dicionário não recusa os termos populares, mas faz questão de os demarcar: «TRATADA. Não he palavra usada de gente presada de fallar bem, nem atêgora a tenho achado em Autor Portuguez. Mas como he admitida no vulgo, convém fazer menção della. He huma disposição de vontades, e meyo para a execução de algum mau intento» (Sup. II, 1728: 264); «SOTA-ALMIRANTE. Sota-Capitão, Sota-cocheiro, &c. No meu Vocabulario não segui esta orthographia, [...], que todas estas palavras, que começãõ por *Sota* parecem mais usadas do vulgo, que de gente, prezada de fallar bem» (Sup. II, 1728: 228 1728).

BIRIMBAO. Instrumento, que de ordinario as negras tãgem na boca. [...] Birimbao. (Termo de desprezo.) Porque o birimbao he hum instrumento de que sô usãõ os negros. *Homo abjectus, & vilis* (Vol. II, 1712: 125).

CIGANO. [...] De quem tem sagacidade em comprar, & vender, ou, que he cestro, & astuto, dizemos vulgarmente, He grande Cigano (Vol. II, 1712: 312).

TORNADÏÇO, OU TORNADISSO. Era hũa especie de injuria, que se fazia ao Judeo, ou Mouro, que depois de convertido à Fé de Christo, tornava a retroceder, & voltar ao Judaismo, ou Mahometismo (Vol. VIII, 1721: 209).

Regista também as palavras que serviam para marcar o estranhamento em relação aos europeus que trabalhavam ou passavam por Lisboa em viagem. O próprio Rafael Bluteau testemunha o modo como, apesar de ter vivido a maior parte da vida em Portugal, foi sempre apontado como 'estrangeiro'. Pouco conhecedores da geografia, os portugueses chamavam indistintamente 'flamengos' a todos os originários do centro e norte da europa.

BARBARO. Assim chamarão os Gregos, & depois delles os Romanos, a todos os que não eraõ da sua nação, & que não fallavaõ a sua lingua: como hoje o povo de Portugal chama a todos os Estrangeiros, Framengos (Vol. II, 1712: 46).

BRICHOTE. Aos estrangeiros costumão os Portuguezes dâr este nome por desprezo (Vol. II, 1712: 191).

BERLANGUCHE. A gente dão alguns este nome por desprezo, & parece, que val o mesmo, que Flamengo, ou Brichote, nomes mais commumente usados. [...] poderàs derivar Berlanguche do Francez Breluque, por cousa miuda, & de pouca conta, porque em Portugal se chamaõ por desprezo òs Estrangeiros Berlanguches (Vol. II, 1712: 108).

AFRAMENGADO. Aquelle, que tem cara de Framengo, ou de Estrangeiro alvo, & louro (Vol. I, 1712: 160).

Além das informações sobre o significado e uso das palavras, muitas entradas do dicionário incluem adágios. Os provérbios constituíam um património de memória que já então era entendido como uma manifestação simultaneamente cultural e linguística. Os adágios – enunciados concisos, culturalmente significativos, que encerram uma mensagem moral ou prática (Hartmann / James 2001) – terão conhecido nos séculos XVI e XVII um amplo uso no ensino das línguas, o que justificaria a sua inclusão em várias edições de cariz didáctico e uma eficaz divulgação e partilha destes micro-textos no interior da comunidade. A leitura, análise e memorização dos provérbios e textos análogos, na instância escolar, não pode deixar de ter tido influência na configuração das mentalidades e das competências linguísticas. Os textos dos alunos e até o discurso geral quotidiano deveriam repercutir uma certa

impregnação do vocabulário e das próprias fórmulas proverbiais (Verdelho 1995: 297). A recolha de provérbios no dicionário não é apenas um precioso testemunho de uma tradição oral, ao serviço da escolarização e da socialização. No seu conjunto, os adágios ilustram abundantemente domínios lexicais que se referem a valores morais, e a actores e normas de actuação do quotidiano.

RABO. [...] O mulato sempre parece asno, quer na cabeça, quer no rabo (Vol. VII, 1720: 83).

NEGRO. [...] Jurado tem as aguas, das negras não fazerem alvas (Vol. V, 1716: 703).

POUPAR. [...] O escravo, & a besta muar, se ha de poupar (Vol. VI, 1720: 664).

CAVALLO. [...] Ao bom cavallo espora, & a bom escravo açoute (Vol. II, 1712: 212).

O *Vocabulario* não é apenas um dicionário de língua, pois inclui informações adicionais que o aproximam dos textos de tipo enciclopédico. A palavra de entrada do artigo é entendida como um pretexto para a evocação de realidades e factos, por vezes com relações remotas ou circunstanciais.

Subsiste a preocupação em sublinhar incessantemente a falsidade de todas as religiões pagãs, ídolos, prodígios e rituais da gentilidade que, de acordo com Bluteau, «quanto mais extravagantes são, mais acreditaõ as solidas verdades da nossa Sagrada Theologia» e «as ridiculas fabulas, que delles se contaõ, nos devem servir de motivo para dar graças a Deos, de nos ter allumiado com a doutrina do Euangelho» (Bluteau 1727: Ao leitor impertinente). A redacção destes artigos obedece às cautelas que a censura inquisitorial impõe, recorrendo a expressões modalizantes como *fabuloso*, *patranha*, *falso*, que afastam o perigo de o lexicógrafo, caso optasse por um discurso neutro, ser acusado de propagar heresias, ainda que de forma involuntária.

Assim sucede quando se refere às religiões da Índia, pois temia-se que o fascínio pelo orientalismo, em moda no século XVIII, conduzisse a uma aceitação das suas crenças.

BRAMANES [...] Para dar noticia da fabulosa doutrina, que com summa impudencia ensinaõ, seria necessario hum grande volume; por agora bastará dizer, que os Bramenes são os Sacerdotes dos Indios idolatras; por sua conta corre o falso culto dos Pagodes, e manejo de suas superstiçoens (Vol. II, 1712: 180).

As informações que sustentam a campanha anti-judaica são inseridas em palavras-chave como *judeo*, *messias*, ou *nação*, mas também em contextos inesperados, como se observa no artigo *Tyrnau*,

em que a informação toponímica é brevemente resumida, interessando sim relatar histórias de propaganda anti-judaica.

JUDEO. Aquelle, que nasceo de pays judeos, ou que professa a ley dos judeos. [...] Segundo a crença dos Mahometanos, no Inferno estaõ os Judeos em lugar mais baixo, que os Christaõs: hum Judeo Apostata, chamado Samuel Bem Iehuda Hespanhol, diz que a razaõ deste castigo he, que os Judeos tem falsificado muytos lugares da Sagrada Escritura (Vol. IV, 1713: 213).

MESSIAS. [...] Felipe, cognominado o Longo, Rey de França, exterminou do seu Reyno todos os Judeos, & mandou queimar muitos, accusados de lançar nos poços, saccos cheyos de hervas venenosas, para inficionar as aguas, & matar a gente. [...] Sendo os Judeos naturalmente espertos, & agudos para o seu proveito, como se vé nos contratos, & commercio que tem com todas as nações, sempre foi gente muito grosseira no culto Divino, & materias de Religião. Superstições, idolatrias, temporalidades, immundicias, alhos, & cebolas sempre forão os sainetes, com que saboreãrão os amargores da vida (Vol. V, 1716: 454).

NAÇÃO. [...] Homem de nação; em Portugal val o mesmo que Christaõ Novo, ou Hebreo [...] E assim todo o Judeo he duas vezes homem de Nação; homem de nação illustre, e homem de nação, taõ deslustrada, que sem Rey, e sem Pontífice, de todas as naçoens he desprezada, e aborrecida (Sup. II, 1728: 66).

TYRN, ou Tyrnau, ou Dyrn. Cidade da Hungria superior, sobre o rio do mesmo nome, no Condado de Trantschin. No anno de 1414. doze Judeos com duas mulheres apanhãrão hum menino Christaõ, e com affagos o levãrão para a sua casa, onde depois de lhe apertar a garganta, dando os ultimos levrancos, lhe abriãrão as veas, e beberãrão parte do seu sangue, reservando para outro uso a outra parte; cortãrão o seu corpinho em pedaços, e dentro de huma adegã os enterrãrão [...] (Sup. 2, 1728: 274).

A repetição destes lugares comuns é um exercício de intertextualidade, aproveitando textos de folhas volantes, relações de viagem, tratados históricos geográficos, que continham descrições de povos, costumes, mitos, práticas religiosas e casos prodigiosos.

O lexicógrafo reproduz este fundo textual, alertando para os eventuais perigos da desregulação social, caso se aceitasse sem reservas a presença de ciganos, judeus, hereges e gentios;

ZIGAROS. [...] Alguns Autores Portuguezes, & em particular o dito Miguel Leytaõ, com grande razaõ se queixãõ, de que sendo os Ciganos quasi todos ladroens, salteadores, matadores, sem ley, nem temor de Deos, & ellas ladras, feiticeiras, inquietadoras da honestidade das mulheres casadas, & das donzellas, & tão cruelmente prodigas de sangue alheyo, que por dous vintens, ou dous pães não duvidarãõ trazer à criada, ou escrava, solimãõ, ou outra peçonha, para matar a seus senhores [...] Dizem os zelosos, que podera isto ter bom remedio, embarcando-os divididos, para o Brasil, & Angola, & outras Conquistas do Reyno, que assim pouco a pouco sahiria com elles muitas iniquidade, & maleficio (Vol. VIII, 1721: 639).

Num discurso que se pretende inequivocamente marcado por juízos de valores, as palavras são instrumentos de desqualificação do outro. Uma desqualificação implícita, quando se explica como as palavras podem ser instrumentos precisos para sustentar a marginalização; uma desqualificação explícita, quando, através de um texto instituidor da língua portuguesa, se transmitem mensagens de ódio e preconceito, com a certeza, por parte dos seus autores, de que estão ao serviço do bem comum e da preservação dos valores éticos, religiosos e politicamente estruturantes da sociedade.

Referências bibliográficas

- Bluteau, Rafael (1712-1728): *Vocabulario portuguez e latino*, Tomos I e II, Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712; tomos III e IV, Coimbra: No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713; tomo V, Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1716; tomos VI e VII, Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1720; tomo VIII, Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1721; suplemento I, Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1727; suplemento II, Lisboa: Na Patriarcal Officina da Musica, 1728.
- Hartmann, Reinhard / James, Gregory (2001): *Dictionary of Lexicography*, London; New York: Routledge.
- Verdelho, Telmo (1995): *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*, Aveiro: Instituto Nacional de Investigação Científica (Linguística; 18).